

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE PEDAGOGIA**

MOHARA KALEB SANTOS DE OLIVEIRA

**UM OLHAR AO LIVRO DIDÁTICO PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL
PNLD/2022: UM ESTUDO DA ABORDAGEM DE GÊNERO E COR/RAÇA.**

**CHAPECÓ
2023**

MOHARA KALEB SANTOS DE OLIVEIRA

UM OLHAR AO LIVRO DIDÁTICO PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL
PNLD/2022: UM ESTUDO DA ABORDAGEM DE GÊNERO E COR/RAÇA.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Chapecó, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Neide Cardoso de Moura

CHAPECÓ

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Oliveira, Mohara Kaleb Santos de
UM OLHAR AO LIVRO DIDÁTICO PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL
PNLD/2022: UM ESTUDO DA ABORDAGEM DE GÊNERO E COR/RAÇA /
Mohara Kaleb Santos de Oliveira. -- 2023.
45 f.

Orientador: Doutora Neide Cardoso de Moura

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Pedagogia, Chapecó, SC, 2023.

I. Moura, Neide Cardoso de, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MOHARA KALEB SANTOS DE OLIVEIRA

**UM OLHAR AO LIVRO DIDÁTICO PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL PNLD
2022: EM BUSCA DE CERTAS EVIDÊNCIAS DE GÊNERO E COR/RAÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de
graduação apresentado ao Curso de
Licenciatura em Pedagogia da Universidade
Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus
Chapecó, como requisito para a obtenção do
título de Licenciado em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Neide C. Moura

Prof.^a Dr.^a Neide Cardoso de Moura – UFFS
Orientadora



Documento assinado digitalmente
ADRIANA MARIA ANDREIS
Data: 12/03/2023 17:36:27-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof.^a Dr.^a Adriana Maria Andreis – UFFS
Avaliadora

Francielly de Lima Oliveira
Francielly de Lima Oliveira
Psicóloga
CRP: 06/123750

Prof.^a Ma. Francielly de Lima Oliveira – Centro Universitário Fundação
Hermínio Ometto -FHO
Avaliadora

Dedico este trabalho a minha
amicíssima Elizete Ferreira de
Medeiros, que entre tardes de cafés,
sorrisos e muitas prosas me
incentivou a percorrer esse caminho
da Educação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus professores da UFFS, por todo o conhecimento e dedicação que sempre despenderam comigo. As amizades feitas no decorrer do curso que foram muito especiais e importantes para a troca de conhecimento e ajuda mútua. Agradeço a minha orientadora Neide Cardoso de Moura pelo seu tempo, carinho, risos e por ter acreditado nesse meu trabalho. Só corações para você! Dedico a minha mãe que mesmo longe sempre esteve na torcida e acreditou que eu daria conta. Ao Marcelo Luiz Dorigoni, que mesmo em dias que eu estive cansada e triste me apoiou, com a sua ternura e afago e entendeu que todo esse processo de “construção” faz parte e que no final é recolhido com glórias. A você dedico esse verso do Mario Quintana: ... “ Tão bom morrer de amor! E continuar vivendo...”. Ao Universo por todas as forças do bem e a energia que é emanada sobre a minha vida: gratidão! E finalizando com a “menina dos olhos”, pois é assim que eu chamo a UFFS, por esse longo período de aprendizagem, pela escolha feita do curso de pedagogia e por me proporcionar a crescer e não ser a mesma Mohara que entrou aqui há 4 anos atrás.

RESUMO

O livro didático é um importante recurso disponibilizado gratuitamente à todas as escolas públicas da Educação Básica do país. Considerando que é um recurso acessível para ser utilizado nas aulas, é pertinente refletir acerca de como estão apresentados alguns aspectos que compreendem perspectivas inclusivas, especialmente, relacionadas com o gênero e a cor/raça na Educação Infantil. Por isso, o objetivo deste estudo é tecer considerações acerca das questões de gênero e raça/cor, por meio do estudo das imagens/ilustrações do livro didático "Boas práticas de educação". Nesse caminho, a metodologia utilizada se apoia em elementos da hermenêutica de profundidade, que compreende uma interpretação dos aspectos investigados. O trabalho mostra indícios de que ainda são veiculados aspectos que denotam desigualdades sobre o enfoque estudado, e indica que necessitam de coragem e estudo para serem reconhecidas e vividas no espaço escolar.

Palavras-chave: livro didático; raça; cor; imagens; educação infantil.

ABSTRAT

The textbook is an important resource made available free of charge to all public schools of Basic Education in the country. Considering that it is an accessible resource to be used in classes, it is pertinent to reflect on how some aspects that comprise inclusive perspectives are presented, especially those related to gender and color/race in Early Childhood Education. Therefore, the aim of this study is to make considerations about issues of gender and race/color, through the study of images/illustrations from the textbook "Good practices in education". In this way, the methodology used is based on elements of in-depth hermeneutics, which comprises an interpretation of the investigated aspects. The work shows indications that aspects that denote inequalities about the studied focus are still conveyed, and indicates that they need courage and study to be recognized and lived in the school space.

Keywords: textbook; race; color; images; child education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Capa ilustrativa do livro	16
Figura 2 – Crianças brincando	36
Figura 3– Duas crianças brincando	36
Figura 4 – Criança negra lavando as mãos	36
Figura 5 – Professora interagindo com as crianças	37
Figura 6 – Professoras interagindo com as crianças	37

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fases de análise da hermenêutica de profundidade de Thompson (1995).	19
Quadro 2 – Categoria de Gênero	33
Quadro 3 – Presença das crianças quanto a cor/raça.	35
Quadro 4 – Brincadeiras Passivas e Ativas	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
LD	Livro Didático
MEC	Ministério da Educação
PDD	Programa Dinheiro Direto na Escola
BNCC	Base Nacional Comum Curricular

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. HIPÓTESES E QUESTIONAMENTOS	16
3. METODOLOGIA: O CAMINHO PARA ABRIR AS PORTAS	17
4. REVISÃO DE LITERATURA	20
4.1 A QUESTÃO DE GÊNERO	20
4.2 A QUESTÃO RACIAL COMO PRINCÍPIO DA DIVERSIDADE E INCLUSÃO	25
5. PRIMEIRA FASE DA HERMENÊUTICA DE PROFUNDIDADE	28
5.1 PARTE I – CONTEXTO SÓCIO HISTÓRICO: PORTA QUE SE ABRE – PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO.	28
6. SEGUNDA FASE DA HERMENÊUTICA DE PROFUNDIDADE	32
6.1 PARTE II – O QUE TEM DE ATRÁS DA PORTA? ANÁLISE FORMAL OU DISCURSIVA.	32
7. TERCEIRA FASE DA HERMENÊUTICA DE PROFUNDIDADE	39
7.1 PARTE III – INTERPRETANDO E REINTERPRETANDO DO QUE TEM DETRÁS DA PORTA	39
8. ALGUMAS PRÉVIAS CONSIDERAÇÕES	42
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso teve origem na minha caminhada acadêmica e profissional no sentido do tema com o qual eu pesquiso e trabalho ligado as mídias sociais. Ao compreender que o livro didático faz parte dos meios de comunicação sociais e educacionais, meu interesse se aflorou e me desafiou para o estudo, mesmo que apenas sobre um único livro didático para a educação infantil, bem como ampliar meu conhecimento sobre o tema.

Analisar o livro didático, sob a perspectiva de gênero, cor/raça, tornou significativa minha aprendizagem, à medida em que percebo que, dentre muitos e variados elementos que estabelecem as relações e medeiam o processo de ensino e de aprendizagem infantil, o livro didático aparece como o principal instrumento de auxílio para os/as professores/ras dispõe para a sua prática docente.

Nesta perspectiva o livro didático para a educação infantil vem adentrar nas escolas e espaços da educação infantil, gerando muita polêmica, pois até então, não havia livro didático específico para esta etapa de ensino. Carregado de contradições e dizeres pedagógicos vinculados a uma pré-alfabetização, o livro deveria ser alvo da criticidade, principalmente dos educadores e especialistas que trabalham com a educação infantil. Em meio a estas polêmicas o livro chega as escolas brasileiras, segundo seus autores e editores, para “melhorar” a educação infantil e, consequentemente as demais etapas que compõe o sistema brasileiro de ensino.

Pensar na educação infantil sob a tutela de um livro didático é minimizar o processo educativo vinculado aos processos formativos que compõe o campo da educação infantil brasileiro. Acreditar que poderia ter uma melhora significativa de todas as etapas da educação com o investimento e o enriquecimento pedagógico a utilização do livro didático, tende a pisotear no percurso formativo que a educação infantil tem sido alvo nos últimos anos. Essa reflexão tem aparecido em pesquisas que aconselham o não uso desse material didático, por restringir o ensino e aprendizagem apenas por um único meio didático.

Acredito que a educação infantil é a etapa formativa primordial para a formação humana. Neste sentido, o livro com todas as suas boas “intenções” de melhorar o processo educativo é também um instrumento comunicativo eficiente para disseminar

as desigualdades de gênero, cor/raça e princípios que medeiam as relações entre as pessoas, sociedade e mundo.

Assim a análise de algumas categorias como a de gênero, cor/raça e as atividades das brincadeiras que integram o universo da educação infantil estão descritas, neste estudo, que evidenciam e retratam o viés ideológico que o livro didático traz em si, transvestido em práticas docentes que podem nortear o trabalho pedagógico, nesta tenra idade, e estabelecer uma sociedade a partir de uma concepção de pessoa única universal, ou seja branca, masculina, que poderá sustentar tais desigualdades. Lembrando que essas práticas se repetem por termos, ainda poucas pesquisas sobre o tema.

Nesse panorama analiso a categoria de gênero, cor/raça, por meio da presença de meninos e meninas brancos/as negros/as, nas ilustrações e imagens que aparecem ao longo do livro didático e que conduzem a prática docente. Aliado a este fio condutor, temos as brincadeiras sugeridas, que serão analisadas se são passivas ou ativas, para compreendermos os papéis sociais que se vivenciam na educação infantil. Nesta mesma perspectiva lançamos um olhar especial para a questão da cor/raça e como esta aparece no livro e, em quais momentos e de que forma a mesma é retratada ao longo das atividades sugeridas pelo livro didático.

Em relação ao uso do livro didático na educação infantil, não há consenso sobre a importância do uso desses materiais, e as ponderações que se opõe ao uso nesta idade são mais contundentes (BRANDÃO; SILVA, 2017). A adoção ou não de livros didáticos na Educação Infantil, conforme destacam esses autores, é um tema que exige reflexões cuidadosas por parte dos professores que trabalham com as crianças nessa etapa educacional, pois, antes de decidir pela adoção dos livros didáticos, é necessário considerar algumas reflexões, tais como: a qualidade dos livros didáticos e de apostilados escolares; as concepções de ensino e aprendizagem apresentadas por esses materiais; as contribuições ou não desses materiais para a melhoria do trabalho pedagógico, como se veiculam as relações de gênero e raça e como as brincadeiras (principal metodologia para esta idade) aparecem nos livros.

Concordo com a Brandão e Silva (2017), quando estes afirmam que, considerando que a adoção de livros didáticos não é algo essencial na Educação Infantil, visto que a qualidade de tais materiais tende a ser questionável e sempre é necessário pensar no grande e aglomerado interesse mercadológico na venda destes livros.

No findar do meu caminhar teórico é possível perceber que a investigação, sob os pontos ressaltados, tem o objetivo de construir possibilidades de intervenção consciente, no processo educativo da educação infantil e é a graduação, um dos momentos mais propícios para fomentar essa reflexão, pois como docentes estamos continuamente construindo possibilidades e intervindo nos processos de ensino e aprendizagem que constituem todas as etapas da educação básica, inclusive e, especialmente a educação infantil.

Este estudo será apresentado inicialmente pelas hipóteses e questionamentos; seguido pela Metodologia: o caminho para abrir as portas; na revisão de literatura abordaremos a questão de gênero e a questão racial como princípio da diversidade e inclusão; e na análise iremos abordar o contexto sócio histórico: porta que se abre – Programa Nacional do Livro Didático – o que tem de atrás da porta? Na segunda parte uma análise formal ou discursiva e, por fim dedicamos nossa atenção para reinterpretar: o que tem detrás da porta.

Assim, termino esta introdução com a ciência da importância dos livros didáticos para a educação infantil e a necessidade de análises sob diferentes perspectivas sociais. Ressalto também a necessidade de haver nos cursos de licenciatura disciplinas que abordem questões ligadas ao gênero e cor/raça.

O livro analisado é especificado, abaixo, pela capa ilustrativa do mesmo.

Figura 1 – Capa ilustrativa do livro analisado.



Fonte: (ARAUJO, capa. 2020)

2 HIPÓTESES E QUESTIONAMENTOS

O PNLD é um importante programa para os professores e alunos das escolas públicas brasileiras. Neste sentido admitimos e reconhecemos, obviamente, seu importante papel pedagógico e ideológico na formação de nossas crianças e docentes. Ao reconhecer a importância do livro didático na e para a educação infantil, é importante atentarmos para as possíveis concepções sobre as relações de gênero e cor/raça que são veiculadas por suas imagens e ilustrações.

Sob a cadência de um olhar de pesquisadora e da criticidade avivada pela formação acadêmica no curso de pedagogia, somos impelidas a saber por quais caminhos trilhou o PNLD para a educação infantil de 2022. Ao mesmo tempo suscitou a curiosidade em saber mais sobre os livros que seriam distribuídos para a educação Infantil, por seu caráter de ineditismo e, pela vinculação das ideias pedagógicas, que adentram as instituições de educação infantil e fundamentam as ações didáticas dos docentes que atuam na formação das crianças nesta tenra idade.

Essa inquietação, para este TCC, foi focada somente em um livro: Boas práticas de educação infantil – relacionado a Creche I – Criança Bem Pequenas, do autor Joao Batista Araújo e Oliveira, da Editora Ática, do ano de 2020, como já mencionado na Introdução. Na obra analisada, centramos nosso olhar para identificar as desigualdades de gênero e cor/raça veiculadas pelas imagens/ilustrações presentes ao longo desse livro didático.

Minha hipótese inicial foi a de que essas desigualdades ainda estão presentes nas imagens e ilustrações dos livros didáticos para a educação infantil. Fato que se confirmou ao longo das leituras, pesquisas, análises e reflexões realizadas.

3 METODOLOGIA: O CAMINHO PARA ABRIR AS PORTAS

O caminho percorrido para responder ao questionamento e a verificação de nossa hipótese, partiu de leituras de obras e artigos relacionados a temática em questão. Transitar por essas publicações possibilitou a compreensão e o reconhecimento da importância desta temática, principalmente, porque o livro é direcionado para a educação infantil e a priori como orientador da prática docente, suscitando e reconhecendo que as imagens do livro adotada são a verdade e se não questionadas e analisadas com mais atenção, são aceitas como conceitos sociais que, sustentam e podem se perpetuar certas desigualdades tanto na escola como sucessivamente na sociedade.

Neste sentido, analisamos com mais detalhamento as imagens/ilustrações de um único livro, escolhido aleatoriamente, na perspectiva de duas categorias sociais, ou seja, de gênero e cor/raça. O trabalho seguiu com a observação e a análise como tentativa de apreender as desigualdades dessas categorias sociais, a partir de uma abordagem quantitativa e qualitativa, como propôs a pesquisadora André (2002), ao aprendermos, com a autora, que essas duas metodologias de complementam. Neste sentido, foram considerados os dados de identificação do livro, a identificação das categorias de gênero, raça/cor retratadas em suas imagens e ilustrações.

Para a realização da pesquisa, utilizaremos a abordagem qualitativa e quantitativa que pode ser caracterizada “como sendo um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupo de pessoas ou ator social e fenômenos da realidade” (OLIVEIRA, 2005, p. 60). De acordo com a autora, a pesquisa qualitativa visa buscar informações fidedignas para se explicar em profundidade o significado de cada contexto em que se encontra o objeto de pesquisa (OLIVEIRA, 2005). Trata-se de uma pesquisa exploratória que objetiva “dar uma explicação geral sobre determinado fato, através da delimitação do estudo, levantamento bibliográfico, leitura e análise de documentos” (OLIVEIRA, 2005).

É também analítica porque irá descrever determinadas características da coleção disponível para a educação infantil. Quanto aos procedimentos de coleta, a pesquisa também contou com um pequeno levantamento bibliográfico, a partir da pesquisa de Oliveira (2020), pois foram observadas suas referências sobre a temática.

Para a análise das imagens, usamos a metodologia da Hermenêutica da Profundidade de Thompson (HP). Este autor considera essa metodologia importante

para uma pesquisa sócio histórica, que não se trata apenas de uma relação de objetivos e acontecimentos que estão ali para serem observados e explicados como é feito nas ciências naturais. (THOMPSON, 2002, p. 32).

Neste sentido, Oliveira (2020) reforça que:

{...} há um aspecto apresentado por Thompson (1995, p. 360) que aponta o motivo da importância da hermenêutica, pois “os sujeitos que constituem parte do mundo social estão sempre inseridos em tradições históricas” e, assim, compreendendo que a experiência humana é sempre histórica, nos leva a entender que a própria experiência tenha resquícios do que aconteceu anteriormente, e que “nossa própria compreensão de uma nova experiência como *nova*, é uma indicação do fato de que nós a estamos relacionando ao que veio antes” (THOMPSON, 1995, p. 360). Tal relevância faz com que compreendamos que ainda que a hermenêutica considere o histórico dos seres humanos em suas tradições, também considera o que o autor desenvolve como resíduos simbólicos que incluem as tradições e que podem e merecem análises posteriores (OLIVEIRA, 2020, P.69).

Para compreender a aplicabilidade da hermenêutica para a análise das imagens do livro didático já mencionado e objeto central do presente trabalho, utilizamos os três passos de Thompson apud Oliveira (2020):

Quadro 1 – Fases de análise da hermenêutica de profundidade de Thompson (1995).

• Análise sócio-histórica	Tem por objetivo “ <i>reconstruir as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas</i> ” (THOMPSON, 1995, p. 366).
• Análise Formal ou Discursiva	Análise que está interessada na organização interna das formas simbólicas, mas que pode ser feita por vários métodos, sendo eles: semiótica, análise do discurso, análise sintática, narrativa, argumentativa, entre outros, de acordo com o objeto a ser investigado.
• Interpretação/Reinterpretação	É facilitada pelos métodos de análise formal ou discursiva, mas é distinta dela; além disso, “implica um movimento novo de pensamento, ela procede por <i>síntese</i> , por construção criativa de possíveis significados” (THOMPSON, 1995). Ou seja, o processo de interpretação é um processo de reinterpretação.

Fonte: Oliveira, 2020.

Como mencionado no quadro acima a pesquisa sustenta-se na interpretação e reinterpretação, quando escolhemos as imagens/ilustrações presentes na obra do

livro didático, ressaltando que esta fase pode ou não estar vinculada com as demais fases da hermenêutica da profundidade.

Ressaltamos que os conteúdos e as imagens dos livros didáticos da Educação Infantil, ao serem interpretados nas pesquisas das ciências da Educação, estão consequentemente expostos a uma reinterpretação, dado este que já está inserido em uma interpretação prévia pela existência do próprio material (Oliveira, 2020, p.72).

Na continuidade da pesquisa buscamos identificar possíveis relações e articulações com as teorias estudadas sobre o gênero, infância e as imagens presentes no livro didático. Ao observarmos as imagens também apreendemos seu conteúdo implícito, estabelecendo as relações concomitantes com a realidade que é expressada socialmente, o que nos permite uma análise mais aprofundada.

A seguir apresentaremos a revisão bibliográfica na qual aprendemos alguns conceitos e interpretações.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 A QUESTÃO DE GÊNERO

Ao adentrar na análise propriamente dita das imagens que se apresentam ao longo do livro didático é preciso inicialmente compreendermos o conceito de infância, gênero e diversidade racial.

A infância é marcada como um período específico em que o brincar, o lúdico, a imaginação, a fantasia, e o cuidado são altamente significativos, fase em que a criança é amparada pelo seu grupo familiar ou pela instituição de ensino pois sua autonomia está em processo de desenvolvimento necessitando de seus atores de convívio. Por este motivo compreendemos que a “infância é uma condição mutável, histórica e socialmente situada” (SARMENTO, 2012, p. 133 *apud* OLIVEIRA, 2020, p. 57).

Sabemos que a educação infantil é a primeira etapa da educação básica. É primeira oportunidade de que as crianças dispõem de conviver num grupo social mais amplo. É uma realidade com suas características, seu tempo, seu espaço, práticas e relações vividas pela criança em um espaço onde há mais crianças, adultos que convivem e aprendem juntos, diferente do espaço familiar.

É conclusivo, portanto, que a criança é inserida na vida social quando inicia seu ciclo escolar. Neste ambiente a criança vive com crianças de diferentes idades, etnias, grupos sociais, religiões e regiões. É neste local que também as diferenças de gênero ocorrem, estas se manifestam principalmente nas brincadeiras, brinquedos, vestuários, nos comportamentos aceitos para os meninos e meninas. A escola por si mesma já reforça essa distinção e amplia essas diferenças.

Leão (2012) afirma que a escola é uma instância que normatiza e disciplina as pessoas e da mais tenra idade. Outra autora, Louro (1997), reforça e amplia este conceito quando afirma que a criança reproduz na sociedade o que aprende na escola. Neste sentido a criança reforça em sua formação valores, costumes e comportamentos sexistas criando desde a tenra idade a ideia que existe algo para a menina e para o menino. De certa forma podemos afirmar que a escola pode divulgar as diferenças de gênero ao reproduzir preconceitos de um gênero sobre o outro, influenciando a construção da identidade sexual de seus alunos.

Portanto, em base nos estudos realizados e nas práticas possíveis, é significativo dizer que a escola é o lugar onde as relações de gênero são vividas e a escola passa a ser e formar os modelos de homem e mulher.

Ainda é possível inferir que meninos e meninas são educados de maneira expressivamente diferentes, seja na família, na sala de aula ou ouvindo a mesma professora. Neste sentido é na invisibilidade dos jeitos e trejeitos familiares e dos educadores que amplia a distinção de gênero. Segundo Louro (2002, p.125) a “passagem pelos bancos escolares deixam marcas. Permite que se estabeleçam ou se reforcem as distinções entre os sujeitos”.

É perceptível que ao falar sobre esse assunto, os discursos são sempre moralizantes e ressaltam os modelos de comportamento aceitáveis para meninos e meninas. Essa linguagem utilizada na formação reforça a necessidade de romper com este paradigma. Segundo Leão (2002) as relações de gênero oferecem condições de além da questão anatômica para definir e diferenciar pessoas do sexo feminino e masculino.

Ao falar sobre as relações de gênero é imprescindível analisar como a literatura científica tem contribuído para que a temática possa se tornar cada vez mais presente e significativo, no sentido de superar os preconceitos ligados ao gênero. Da mesma forma o gênero é um conceito presente no campo da educação em geral. Ao longo de nossas observações foi possível constatar que este tema sempre e a todo o momento se reflete nos diálogos, brincadeiras, divulgadas pelas imagens e ilustrações, enfim no cultivo das relações internas vividas no espaço escolar.

Leão (2012, p.43) nos lembra de que o conceito de gênero surgiu no movimento feminista, cujo objetivo era uma “tentativa das feministas de dar respostas às desigualdades existentes entre homens e mulheres, as quais se pautavam pelo determinismo biológico”. Ao mesmo tempo Pelúcio (2014) esclarece que é o gênero é um conceito que atravessa e de certa forma organiza a vida social e que começa a existir com o estudo do movimento feminista, que questiona a ordem existente e a opressão feminina, até então tratada como algo natural.

Neste contexto, quando voltamos à discussão para as questões de gênero, especificamente no campo da educação infantil, podemos perceber que o fato de ser menino ou menina delimita as possibilidades dos seus corpos. A respeito disto Louro (2000, p.60) escreve:

A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade.

Portanto, ser menino ou menina num ambiente desigual, coloca nossas crianças em uma lógica onde existem diferenças e desigualdades entre os gêneros. Neste campo os sujeitos (crianças) não são meros receptores e, sim, seres ativos na construção de suas identidades, recebendo assim as lógicas organizativas de uma sociedade, grupo social que são agentes ativos na formação de sua identidade ao longo da tenra idade. E, assim tudo o que está relacionado ao gênero, vem carregado de discriminação e paulatinamente se manifestam nas instituições escolares, através dos materiais didáticos. Dessa forma é tarefa da escola alertar sobre os preconceitos e incentivar a construção da identidade de gênero mais igualitária. Nesta perspectiva a criança não se apresenta como alguém isolado, ela se constitui nas relações sociais, nos tempos, espaços em que a mesma vive, aprende e expressa sua identidade, carregando sua cultura e modo como agem em seu grupo social.

Como afirma Finco (2005) crianças de 4 a 6 anos mantem e contestam as hierarquias de gênero no espaço escolar. Ao mesmo tempo é possível vislumbrar como estes meninos e meninas reproduzem e produzem cultura num espaço que é público e coletivo, principalmente no campo das relações sociais. Da mesma forma a autora afirma que ao pensar nas crianças em suas várias dimensões, encontrou na brincadeira as possibilidades para alcançar os objetivos a que se propôs. Segundo a autora as brincadeiras são um universo pelo qual a criança reproduz e produz sua cultura, portanto um meio eficaz e útil para analisar comportamentos, posturas e entendimentos como a dinâmica de gênero se manifesta no universo infantil.

Esta autora relata ainda que os estudos publicados pouco falam das relações e diferenças de gênero e preconceitos existentes. A temática de gênero no mundo infantil ainda carece de publicações pois, é parco o acervo que trata das relações de gênero no espaço escolar. A autora traz e desenvolve o conceito do gênero como categoria e como vem se destacado na história da humanidade, tecendo uma linha tênue frente as produções culturais, passando pelas ciências sociais e como foi se desenvolvendo a noção e a discussão sobre a temática de gênero.

Destaca, portanto, a raridade dos documentos que tratam das relações de gênero no campo escolar. A este ponto, destaca que a escola sempre foi um aparelho ideológico que reforçava a separação do que é dos meninos e meninas, por exemplo, reforçando e reproduzindo a cultura existente. Ao mesmo tempo traz uma reflexão a respeito da educação infantil, será que nesta etapa da educação já se ensina como ser menino e menina?

É também na infância que o corpo, o comportamento e as habilidades das crianças são marcadas distintamente com características direcionadas à masculinidade e à feminilidade. Tais características geralmente são consideradas como naturais e se perpetuam, através das gerações, ou seja, propaga-se o comportamento que define que certas atitudes cabem aos homens e outras de menor status, às mulheres.

Ainda na companhia de Finco (2005) aprendemos a necessidade de desconstruir a lógica binária na apresentação do mundo para as crianças. As discussões e diálogos a respeito da sexualidade, como afirma Loro (2008), é preciso superar a análise da mesma, sob o esquema binário (homem/mulher...), pois

(...) essa eterna oposição binária usualmente nos faz equiparar, pela mesma lógica, outros pares de conceitos, como "produção-reprodução", "público-privado", "razão-sentimento", etc. Tais pares correspondem, é possível imediatamente perceber, ao masculino e ao feminino, e evidenciam a prioridade do primeiro elemento, do qual o outro se deriva, conforme supõe o pensamento dicotômico. Ora, é fácil concluir que essa lógica é problemática para a perspectiva feminista, já que ela nos "amarra" numa posição que é, aparentemente, consequente e inexorável. Uma lógica que parece apontar para um lugar "natural" e fixo para cada gênero (LOURO, p.78.1997).

O pesquisador segue argumentando que não há necessidade de categorizar os brinquedos e brincadeiras e reforça a ideia de que é impreterível que a escola se reconheça com um importantíssimo instrumento na construção da identidade de gênero.

Ainda nessa perspectiva, Sayão (2002, p. 5) diz que,

Essas diferenças são engendradas nas crianças pouco a pouco por diversos mecanismos que envolvem suas interações com os adultos, as outras crianças, a televisão, o cinema, a música etc. A demarcação do que cabe aos meninos ou às meninas se inicia bem cedo e ocorre pela materialidade e também pela subjetividade. Essas relações influenciam nas elaborações que as crianças fazem sobre si, os outros e a cultura, e contribuem para compor sua identidade de gênero.

Na mesma perspectiva a cultura é o meio utilizado para a expressão e propagação das ideias e ela requer caminhos mais ardilosos e sutis, como por

exemplo, utilizar-se do cinema, teatro, música, artes, enfim várias possibilidades de se manifestar e construir, quem sabe, o perfil ideológico desejado.

Inseridos no contexto da contemporaneidade, é preciso reconhecer que, por meio da cultura, podemos observar os modos como construímos e reconstruímos a normalidade, a diferença e os significados que lhe são atribuídos, pois é sob a tutela da cultura que elaboramos nossas diretrizes de vivência, aceitabilidade, compressão do outro como extensão de si, com seus diferentes gêneros.

O jeito pelo qual, meninos e meninas, podem manifestar as vivências saudáveis em relação ao gênero no espaço escolar colabora significativamente para a formação de uma sociedade onde possam viver e se expressar livremente, onde sejam respeitadas suas diferenças e não sustentando desigualdades humanas. Nesse sentido, Souza e Leão (2008) embasam essa reflexão, pois a escola é o ponto de encontro e de embate das diferenças, sendo este um instrumento para minimizar e prevenir o processo de exclusão social; sendo, ainda um espaço ideal para a desconstruir os preconceitos de gênero que sobrevivem no seio da sociedade atual. (LEÃO; RIBEIRO, 2011, p.274).

Neste sentido é visível compreender a função da escola no âmbito da questão social. Desconstruir conceitos e construir possibilidades concretas de formação de gênero, onde o preconceito perde sua vez e por meio de uma ação didática eficaz, cercada de experiências onde a criança possa ser o que deseja ser é o cume de uma ação transformadora.

Neste sentido a ação didática precisa ser uma ação livre. Uma ação capaz de auxiliar a desmistificação de desigualdades/ preconceitos aprendidos e vividos no seio familiar e depois reproduzidos pelas crianças. A escola não pode ser o aparelho ideológico no qual os preconceitos sejam alimentados e formados.

4.2 A QUESTÃO RACIAL COMO PRINCÍPIO DA DIVERSIDADE E INCLUSÃO

Sabemos que a educação infantil é a primeira instituição que a criança frequenta e tem o contato vivencial com a coletividade, até porque anteriormente convivem tão somente com seu núcleo familiar e talvez uma e outra criança da vizinha e/ou de seu convívio. Ao adentrarem no espaço escolas cada criança traz consigo suas vivências e experiências, construídas na interação e observância dos adultos de seu ciclo vivencial. É neste espaço educativo que as crianças terão o contado com

outras crianças de outras etnias/raça/cor e principalmente com vivências diferentes de suas. Para tanto, é necessário aprender a desenvolver o respeito por si e pelo outro. Kramer afirma que,

Escolas, pré-escolas e creches são espaços de circulação das culturas, no plural: das tradições, costumes, e valores dos diferentes grupos, suas trajetórias, experiências, seu saber; dos conhecimentos culturais disponíveis na história de uma dada sociedade, povo, país. O que singulariza o ser humano é essa pluralidade de experiências, de valores e saberes presentes na música, na produção de objetos, nas festas civis ou religiosas, nos modos de cuidar das crianças, da terra, dos alimentos, roupas, nas trajetórias contadas pelas famílias, grupos, etnias. (KRAMER, 2000, p. 8).

A criança, já na primeira infância, se identifica e se reconhece como pertencente a um determinado grupo étnico-racial através dos tratamentos diferenciados, condições sociais, falas e escutas a qual está sujeita no grupo social de convivência. Nesta perspectiva desenvolvem interações com as outras pessoas e isso contribui na construção de novas percepções acerca do contato com as diferenças dos outros, pois esse contato com as pessoas e com o meio em que está inserida afeta de certo possibilitando novos saberes. Nesse aspecto, as interações entre as crianças na escola devem acontecer de modo a incluir todas, sem distinção de cor, classe social e gênero.

Nesta perspectiva, as primeiras experiências de vida são as que marcam mais profundamente, dizem os especialistas, quando positivas, tendem a reforçar ao longo da vida as atitudes de autoconfiança, cooperação, solidariedade, responsabilidade, quando negativas podem reforçar preconceitos, rótulos, discriminações, violência, intolerância.

O trabalho com a diversidade e o convívio com a diferença possibilitam a ampliação de horizontes tanto para o professor quanto para a criança. Isto porque permite a conscientização de que a realidade de cada um é apenas parte de um universo maior que oferece múltiplas possibilidades.

Na mesma linha de análise, Sodré (2007) amplia o conceito de diversidade ao afirmar que é mais do que simplesmente uma variedade de aparências, visto que se refere a valores atribuídos a determinadas aparências que geram estereótipos, preconceitos e discriminação, uma vez que sugere julgamento de valor.

Segundo Sodré (2007) o diferente é definido a partir do princípio de comparação com aquele que é considerado como uma “referência”, e por ser “modelo” se considera superior. Para este autor, o fato de a diversidade estar mais presente no

âmbito cognitivo da sociedade brasileira, aspectos referentes aos afetos e atitudes poderiam auxiliar no processo de aceitação do “diferente”. Neste contexto, a diversidade revela a importância da valorização da convivência respeitosa e harmoniosa entre seres humanos que possuem características, trajetórias, religiões, culturas, hábitos e linguagens distintas e peculiares.

Ao longo das leituras, estágios e estudos realizados é possível dizer que a infância, a discriminação e a formação do pensamento racial começam muito cedo. Ao contrário do que pensa o senso comum, as crianças percebem as diferenças físicas, principalmente a cor da pele e o tipo de cabelo logo que iniciam as relações sociais. Nesse período, elas se conscientizam das diferenças físicas (o fenótipo) relacionadas ao pertencimento racial – “Por que o meu cabelo é assim?” “Por que a cor da minha pele é de um jeito e a da minha amiga é de outro?”.

Nesta perspectiva é possível dizer que se uma criança negra se sente bem com o seu corpo, seu rosto e seus cabelos, e uma criança branca também se sente bem consigo mesma, deverá haver compreensão, respeito e aceitação entre elas. Essa é a importância do trabalho com a promoção da igualdade racial nesta etapa. Se houver uma intervenção qualificada e que não ignore a etnia como um componente importante no processo de construção da identidade da criança, é possível que outra história seja construída.

Se as crianças negras, indígenas, asiáticas receberem mensagens positivas dos adultos e de seus pares acerca de seus atributos físicos e demais potencialidades, aprenderá a se sentir bem consigo. Por outro lado, se as outras crianças aprendem que seus atributos físicos e culturais não são os melhores nem os únicos a serem valorizados, aprenderão a considerar as diferenças como parte da vida.

Ao analisar o acervo pedagógico da educação infantil é possível afirmar que é necessário abordar na Educação Infantil aspectos que tratem das relações étnico-raciais, é porque consideramos que as marcas raciais, cor, cabelo, aspectos culturais são elementos presentes no cotidiano das crianças nesta faixa etária, suscitando-lhes curiosidades e conflitos que não podem ser negligenciados.

O que se pretende neste TCC é, também refletir sobre como as imagens e ilustrações endereçadas as crianças podem promover a diversidade cultural, ou a naturalização das desigualdades de gênero cor/raça. No intuito de subsidiar professoras/res, no meu caso como estudante de pedagogia, a apreenderem como as imagens e ilustrações são importantes na educação escolar. Portanto o trabalho

pedagógico deve possibilitar à criança a se apropriar e a valorizar as pluralidades de culturas existentes e que formam a cultura do Brasil. Para tanto, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI dispõe que

A pluralidade cultural, isto é, a diversidade de etnias, crenças, costumes, valores etc. que caracterizam a população brasileira marca, também, as instituições de educação infantil. O trabalho com a diversidade e o convívio com a diferença possibilitam a ampliação de horizontes tanto para o professor quanto para a criança. Isto porque permite a conscientização de que a realidade de cada um é apenas parte de um universo maior que oferece múltiplas escolhas. (BRASIL, 1998, p.77).

Na leitura deste documento é possível perceber que a relação entre a cultura e a educação produz aprendizagens, porém precisamos refletir se os aspectos da cultura afro-brasileira têm sido realmente contemplados na educação escolar, pois a especificidade do trabalho educativo com crianças de 0 a 5 anos está na busca do desenvolvimento integral, que se faz de modo intencional e planejado.

E, para que todas as crianças tenham acesso aos diferentes conhecimentos, há uma variedade de experiências com objetos, materiais e espaço, e na interação com pessoas que as cercam, a constatação da discriminação e do preconceito racial existente na sociedade brasileira e a organização de práticas que estimulem o respeito às diferenças como possibilidades de desconstruir concepções que fomentem preconceitos.

Neste sentido, é fundamental conhecer estratégias que propiciem a desconstrução de conceitos preconceituosos e sua superação enraizados nas famílias e na atuação de variados professores e professoras, bem como os demais envolvidos no processo educativo. Pois, para Gomes,

Nenhuma criança nasce preconceituosa. Ela aprende a sê-lo. Todos nós cumprimos uma longa trajetória de socialização que se inicia na família, vizinhança, escola, igreja, círculo de amigos e se prolonga em instituições profissionais ou atuando em comunidades e movimentos sociais e políticos. (GOMES, 2005, p.54)

Portanto, é de fundamental importância abordar as diversidades étnico-raciais na Educação Infantil para que desde os primeiros anos as crianças construam uma autoimagem positiva, respeitando e valorizando as diversidades. A inserção de tal temática é indispensável para transformações na sociedade, em busca de uma educação para todos, em que, pelo estudo de história, etnias e culturas se compreendam as peculiaridades dos povos e se respeitem as diferenças.

A seguir abordaremos a primeira fase da Hermenêutica de Profundidade proposta por Thompson.

5 PRIMEIRA FASE DA HERMENÊUTICA DE PROFUNDIDADE

5.1 PARTE I - CONTEXTO SÓCIO HISTÓRICO: PORTA QUE SE ABRE - PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO - PNLD

Ao falarmos sobre o PNLD, aprendemos que programa remonta ao ano de 1929, o qual teve por objetivo a distribuição de livros para todos os estudantes da rede pública de ensino fundamental abrangendo todos os componentes curriculares que compõem o núcleo de ensino de cada escola. Atualmente é operacionalizado pelo governo federal, promovido pelo Ministério da Educação e executado em todos os detalhes pelo Fundo Nacional de Educação, que sua vez por sua vez está vinculado ao MEC. Destaca-se por ser um programa de grande impacto, pois a distribuição de livros didáticos atinge todos os estudantes das redes públicas e particulares do país. É claro que, ao longo do tempo, teve suas transformações e adaptações porém ainda há muito que avançar.

O PNLD não existe unicamente para distribuir os livros para os estudantes do ensino fundamental da rede pública, mas também prima pela qualidade e seleção dos livros que atendem aos processos metodológicos de ensino aprendizagem que cada componente curricular exige. Em 1996 por exigência do MEC e dos movimentos sociais a efetuação de uma avaliação contínua, tanto em termos de conteúdo, metodológicos quanto ideológicos.

O processo seletivo, desde então, é fruto de uma avaliação “criteriosa”, pedagógica e metodológica, organizada pela Secretaria de Educação Básica e realizada por equipes de especialistas que detenham os conhecimentos necessários para tal julgamento em cada área de conhecimento. Inicialmente, essas comissões foram incumbidas de estabelecer critérios de avaliação coerentes e discuti-los com editores e autores para a formulação do processo avaliativo e as necessárias adaptações a serem realizadas.

De acordo com as orientações do MEC, pós essa avaliação realizada pela equipe de especialistas, com o estabelecimento dos critérios geralmente baseados em documentos oficiais como os parâmetros curriculares nacionais, a base nacional comum curricular e, em relação aos princípios éticos e educacionais resultando nas sugestões propostas pelos Guias de Livros Didáticos endereçados aos professores. Essa é uma publicação oficial do Programa e enviado para todas as escolas, o qual

sugere o que é preciso considerar para escolher determinado livro, Entre todas as obras apresentadas os professores deverão escolher qual obra irão utilizar e que considerem como ideal para seus alunos ao terem como base o currículo escolar oficial.

Com a homologação da Base Nacional Comum Curricular, um dos objetivos do PNLD passou a “apoiar a implementação da BNCC”. Esse apoio se consolida na forma de diálogo que os livros didáticos e literários que são explicitados na BNCC.

De acordo com as especificações do Ministério da Educação a escolha do livro didático pode ser feita de três formas diferentes: a) Material único para cada escola, em que cada uma realiza sua própria escolha. b) Material único para cada grupo de escola, em que a rede de ensino define um grupo de escolas que receberá um mesmo material. c) Material único para toda a rede, em que a todas as escolas da rede receberão o mesmo material didático. Geralmente, a escola faz a escolha de seu material didático, contudo nem sempre são os contemplados e distribuídos. Os professores analisam as obras e escolhem qual delas dialoga da melhor forma com a perspectiva curricular e pedagógica de sua escola. Essa escolha dos livros é feita virtualmente por meio do sistema PDDE INTERATIVO, cujo acesso é liberado pela secretaria de educação para os diretores das escolas, que farão e registrarão a escolha do material a ser recebido para o ano seguinte.

Na continuidade, ao estabelecer os critérios de classificação das obras que integram a lista dos livros da PNLD, o MEC, como órgão representativo do governo, estabelece a organização que irá nortear o desenvolvimento pedagógico das escolas brasileiras, haja vista que o programa está em vigor há muito tempo e atinge todas as escolas públicas brasileiras. Neste sentido, ao interferir suprimindo os critérios, cria polemicas a respeito da escolha dos livros didáticos. Ao interferir e realinhar os critérios sobre quais livros precisam ser selecionados, fornecem a lista dos livros integrantes do PNLD, porém incorre-se no risco da rejeição, como já é sabido, sem a participação da comunidade, e sobre as novas diretrizes que irão nortear as práticas pedagógicas oficializadas nas escolas brasileiras.

Observou-se neste panorama, que a orientação do atual governo em relação a não “violência contra mulher” e “promover negativamente a imagem da mulher” estes itens foram alterados, para “promover positivamente a imagem dos brasileiros, homens e mulheres” e “estar isenta de qualquer forma de promoção da violência”.

Veja bem, que a temática da violência contra mulher, segundo a legislação em vigor, é obrigatória sua inserção no currículo das escolas brasileiras, sua supressão como critério poderá excluir, em termos das imagens utilizadas, o tema dos livros didáticos, e conseqüentemente afasta o aprofundamento do debate tão necessário nos dias atuais. A substituição por um critério mais genérico, o governo minimiza a violência contra a mulher, assumindo uma sobreposição sobre as desigualdades de gêneros. O respeito à questão de gênero, tão essencial em nossa sociedade, fica relegada a um segundo plano, desrespeitando e afrontando as lutas históricas de homens e mulheres pela igualdade entre os gêneros.

Ao mesmo tempo também lança uma túnica de autoritarismo com a exclusão do item que trata dos princípios éticos, retirando as expressões *‘democráticos’* e *‘respeito à diversidade’* pelas *‘obras observarão os princípios éticos necessários à construção da cidadania e ao convívio social republicano, princípios amplos e abstratos’* (grifos nossos). Em um país democrático o que mais precisamos discutir nas escolas é o princípio democrático e como ele rege a convivência humana ao meio do caos do governo atual que está às cegas. Ao retirar o conceito “democrático” altera o sentido da frase e expõe o autoritarismo que marca a gestão do atual governo. Ao final, um convívio “republicano” sem democracia implica em rigidez de convivência.

De acordo com as pontuações do PNLD, os “princípios éticos necessários à construção da cidadania e ao convívio social”, os quais as obras devem supostamente respeitar, apresenta “Abster-se de vieses político-partidários e ideológicos”. Logicamente é preciso abster-se das representações partidárias que formam a legenda eleitoreira de nosso país. No entanto a educação por si só é um ato político, como nos ensinou Paulo Freire. Não existe um viés pedagógico que não seja político/ideológico, pois o caráter da criticidade é precedido de um ato pedagógico que está envolto de posições políticas. O item “vieses político-partidários e ideológicos, na atual conjuntura política, se refere a um silenciamento estratégico e ditatorial. Portanto, entendemos que a educação sempre será um ato político/ideológico na busca de uma posição política crítica e consciente.

Em relação a importância educacional dos materiais didático o uso do livro didático na educação infantil, não há consenso sobre a importância do uso desses materiais, e as ponderações que se opõe ao uso nesta idade são mais contundentes (BRANDÃO; SILVA, 2017). A adoção ou não de livros didáticos na Educação Infantil, conforme destacam esses autores, é um tema que exige reflexões cuidadosas por

parte dos professores que trabalham com as crianças nessa etapa educacional, pois, antes de decidir pela adoção dos livros didáticos, é necessário considerar algumas reflexões, tais como: a qualidade dos livros didáticos e de apostilados escolares; as concepções de ensino e aprendizagem apresentadas por esses materiais; as contribuições ou não desses materiais para a melhoria do trabalho pedagógico, como se se veiculam as relações de gênero e raça e como as brincadeiras (principal metodologia para esta idade) aparecem nos livros.

Concordo com a Brandão e Silva (2017), quando estes afirmam que, considerando que a adoção de livros didáticos não é algo essencial na Educação Infantil, visto que a qualidade de tais materiais tende a ser questionável e sempre é necessário pensar no grande e aglomerado interesse mercadológico na venda destes livros. Também seria mais importante, que houvesse um investimento por parte das redes de ensino, em formação continuada, em condições de trabalho mais adequadas para professores, em espaços físicos nas instituições escolares, entre outros aspectos que, certamente, contribuem para a qualidade do trabalho pedagógico oferecido às crianças.

No findar de nosso caminhar teórico é possível perceber que a investigação, sob os pontos ressaltados, tem o objetivo de construir possibilidades de intervenção consciente, no processo educativo da educação infantil e é a graduação, um dos momentos mais propícios para fomentar essa reflexão, pois como docentes estamos continuamente construindo possibilidades e intervindo nos processos de ensino e aprendizagem que constituem todas as etapas da educação básica, inclusive e, especialmente a educação infantil.

Na sequência passaremos a segunda fase da metodologia de Thompson a HP.

6 SEGUNDA FASE DA HERMENÊUTICA DE PROFUNDIDADE

6.1 PARTE II – O QUE TEM ATRÁS DA PORTA? ANÁLISE FORMAL OU DISCURSIVA

O livro didático é uma ferramenta que circula há muito tempo no contexto escolar, do qual o professor dispõe para organizar suas atividades e práticas pedagógicas. Entretanto, o uso do livro didático na educação infantil é mais recente. Neste sentido buscamos analisar o livro didático da educação infantil a partir das categorias de gênero, raça/cor, bem como as brincadeiras que retratam o espaço escolar.

Sabemos que o livro didático é um guia que influencia e direciona o desempenho didático e a construção de valores na etapa inicial do desenvolvimento infantil. A ausência da criticidade do docente poderá induzir para a reprodução referente a desigualdades e preconceitos vinculados pelo mesmo.

Nesse sentido buscou-se identificar e analisar as imagens que servem de referência para abordar determinada prática pedagógica. No livro analisado encontramos: 49 imagens do gênero masculino e 56 imagens do gênero feminino. Nesta categoria é importante observar que a representação de gênero aparece equilibrada, trazendo à tona que há uma equiparação de representações entre os dois gêneros no livro didático analisado. Esse equilíbrio já encontrado em algumas pesquisas, traz transformações importantes quanto a presença de meninos e meninas. No entanto, quando observamos as brincadeiras percebemos uma continuidade dos velhos paradigmas de socialização entre as ações desenvolvidas pelas crianças.

Conforme explicita o quadro abaixo:

Quadro 2 – Categoria de Gênero

PÁGINAS DO LIVRO	GENERO	QUANTIDADE DE VEZES EM QUE APARECE NO LIVRO
Entre as páginas 05 a 122	Masculino	49
	Feminino	56

Fonte: a autora (2023)

As imagens relativas a esta categoria, nas quais o gênero feminino é representado levemente superior ao masculino, não quer dizer que houve uma

evolução no que diz respeito a equidade de gênero, pois é simplesmente reconhecer a existência de ambos. Porém a descontinuidade da representação do gênero feminino percebida em outras categorias, evoca o questionamento se realmente houve uma mudança ou simplesmente uma alternância nas representações, embora se vislumbre um quadro evolutivo quanto a utilização dessas imagens, ainda há muito que caminhar em relação a outras categorias de análise, por exemplo em relação as brincadeiras.

Nesse contexto, as discussões e diálogos a respeito das diferentes relações entre os gêneros, Louro (1997) afirma que:

(...) essa eterna oposição binária usualmente nos faz equiparar, pela mesma lógica, outros pares de conceitos, como "produção-reprodução", "público-privado", "razão-sentimento", etc. Tais pares correspondem, é possível imediatamente perceber, ao masculino e ao feminino, e evidenciam a prioridade do primeiro elemento, do qual o outro se deriva, conforme supõe o pensamento dicotômico. Ora, é fácil concluir que essa lógica é problemática para a perspectiva feminista, já que ela nos "amarra" numa posição que é, aparentemente, conseqüente e inexorável. Uma lógica que parece apontar para um lugar "natural" e fixo para cada gênero (LOURO, p.78.1997).

No entanto, ao adentrarmos no espaço vivo, representado no livro didático, endereçado a crianças percebemos que, nas brincadeiras observadas essas naturalizações explicitadas pela categoria de gênero mostram algumas permanências, a seguir expomos uma imagem que retrata esta realidade sobre a: separação entre meninos e meninas.

Figura 2



Fonte: (ARAUJO, p.102. 2020).

Essas observações que as imagens proporcionam nos ajudam a aprender de acordo com Finco (2010) ao apontar que as brincadeiras são um universo pelo qual a criança reproduz e produz sua cultura, portanto um meio eficaz e útil para analisar

comportamentos, posturas e entendimentos como a dinâmica de gênero se manifesta no universo infantil.

Portanto, não se trata somente de quantas vezes os meninos e meninas são visibilizados em imagens, mas como essas representações influenciam as práticas pedagógicas, que acabam por reforçar a dicotomia entre os gêneros masculino e feminino. As brincadeiras e experiências pedagógicas podem reforçar essa cultura, por outro lado podem servir de contraponto que motiva o trabalho das diferenças como elementos ricos e que podem construir uma cultura de unidade na diversidade. Nesta perspectiva concordamos com Oliveira (2020) em sua análise dos livros didáticos da educação infantil, a qual expressa que em seu acervo analisado é clara essa reprodução cultural, testemunhada por meio de imagens que integram os livros, neste sentido nos comunica que,

Em contraponto a este capítulo de desconstrução de estereótipos, no mesmo livro didático, encontram-se nas páginas finais imagens de brincadeiras de criança de anos atrás, as quais marcam a separação entre meninos e meninas nas instituições escolares a partir dos modos do brincar. Papéis ativos correspondem aos meninos – correr e brincar de espada – e papéis passivos correspondem às meninas – brincar de casinha e empurrar uma amiga no carrinho (2020, p.182).

Neste sentido é nas brincadeiras que as relações de gênero são reforçadas e, muitas vezes, podem induzir a/o docente, a reforçar e determinar quais brincadeiras e brinquedos são para meninos e meninas, reforçando a desigualdade entre os dois gêneros.

Na continuidade da análise desse livro didático observamos a cor/raça¹ das crianças que representadas pelo livro. Nesta categoria é assustador a diferença, pois encontramos 74 imagens de crianças brancas; 13 imagens de crianças pardas e 12 de crianças pretas.

Quadro 3 – Presença das crianças quanto a cor/raça.

PÁGINAS DO LIVRO	Raça/Cor	QUANTIDADE DE VEZES EM QUE APARECE NO LIVRO
Entre as páginas 05 a 122	Branca	74
	Parda	13
	Preta	12

Fonte: A autora (2023)

¹ A categoria social denominada de parda, neste estudo, foi identificada com alguma dificuldade pela autora, entretanto a identificação foi seguindo a orientação do IBGE. Assim as crianças, ora eram representadas como pardas, menos pretas, ou declaradamente pretas.

Nesta perspectiva é visível a manutenção ou preservação da cor/raça branca. Praticamente há a imagem de uma criança branca em cada página do livro, mantendo e reproduzindo o racismo tão presente em nossa sociedade.

Figura 3



Fonte: (ARAUJO, p.28. 2020).

Vejam que as crianças pretas e pardas quase não tem expressão em meio a tantas páginas, eventualmente aparecem em alguma figura, deixando a impressão que o autor ou a ilustradora não percebem essa desigualdade. É assustador que, ainda hoje, numa sociedade que se diz acolhedora de todos os gêneros, raças e etnias, ainda permaneça essas desigualdades sociais. Num eixo temático sobre a higiene é interessante observar que na página que descreve o desenvolvimento da aula sobre higiene a única figura que aparece é de uma criança negra lavando as mãos e fora do espaço escolar. Como observamos na imagem/ilustração abaixo:

Figura 4



Fonte: (ARAÚJO, p.43. 2020)

Neste panorama é perceptível que o livro contribui para que a/o professor(a) valorize a raça branca, que respinga em sua metodologia de trabalho, ao ponto que a/o próprio professora/o tenda a reproduzir ou reforçar a primazia das crianças brancas, em detrimento das pretas e pardas ou de outras etnias. Os livros didáticos, como representativos do conhecimento historicamente acumulado podem ser uma fonte que tende a reforçar as ideias, os valores e conceitos de uma cultura ditatorial que reforça a superioridade de uns sobre os outros.

É preciso constantemente reforçar que o trabalho com a diversidade e o convívio com a diferença possibilitam a ampliação de horizontes tanto para a/o professor quanto para as crianças. Isto porque permite a conscientização de que a realidade de cada um é apenas parte de um universo maior que oferece múltiplas possibilidades de convivência mais igualitária.

Portanto, é necessário desconstruir a lógica binária na apresentação do mundo para as crianças. Finco (1997) afirma que não há necessidade de categorizar os brinquedos e brincadeiras em termos de gênero e reforçar a ideia de que é impreterível que a escola se reconheça com um importantíssimo instrumento na construção da identidade de gênero.

Nas imagens observadas, quando as crianças pretas ou pardas são representadas, na maioria das vezes, as crianças aparecem fora da sala de aula, sozinhas, no mato, na rua enfim na minoria das vezes aparecem em sala de aula organizadas, nas quais os brancos aparecem com maior representatividade.

Figura 5



Fonte: (ARAUJO, p.110. 2020).

Figura 6



Fonte: (ARAUJO, p.113. 2020).

Neste sentido é importante ressaltar que a discriminação e a formação do pensamento racial começam muito cedo. Ao contrário do que pensa o senso comum,

as crianças percebem as diferenças físicas, principalmente a cor da pele e o tipo de cabelo logo que iniciam as relações sociais no contexto educacional.

Nesse período, segundo algumas pesquisas que relatam as conscientizações sobre as diferenças físicas (o fenótipo) relacionadas ao pertencimento racial – “Por que o meu cabelo é assim?” “Por que a cor da minha pele é de um jeito e a da minha amiga é de outro.”

Na categoria brincadeiras passivas (aparece 35 vezes) e ativas (aparece 37 vezes) há uma relação de equilíbrio da forma como aparecem no livro. Estamos falando de um livro didático a ser utilizado por professora/o no planejamento de suas aulas, quando o mesmo observa que as brincadeiras são passivas entende que isso é correto e sabemos que na educação infantil a ação e a autonomia da criança é essencial e a brincadeira é o caminho para construção de sua identidade, de seus jeitos e trejeitos. Representar a essencialidade do brincar na perspectiva da passividade é altamente prejudicial para o desenvolvimento pedagógico dos infantes. No quadro abaixo percebemos o que acima foi exposto.

Quadro 4 – Brincadeiras Passivas e Ativas

PÁGINAS DO LIVRO	BRINCADEIRA	QUANTIDADE DE VEZES EM QUE APARECE NO LIVRO
Entre as páginas 05 a 122	Ativa	122
	Passiva	120
FEMININAS	ATIVA	44
	PASSIVA	85
MASCULINAS	ATIVA	78
	PASSIVA	35

Fonte: A autora (2023)

É nesta tenra idade que as crianças mais precisam de ações ativas, pois a partir destas elas se desenvolvem e ampliam seu processo de desenvolvimento e autonomia. Nesta fase de vida o brinquedo e o brincar é uma necessidade para a criança. No ato do brincar a criança vivencia e concretiza situações que, geralmente, já viveu ou ainda vive, seja em seu contexto social cotidiano seja em sua imaginação, pois, na infância, a imaginação, a fantasia, o brinquedo não são atividades que podem se caracterizar apenas pelo prazer que proporcionam, mas também pelas

capacidades humanas que desenvolvem, como: a percepção, a memória, a emoção e a imaginação, e sua condição social.

Borba (1997) afirma que o brincar é um dos pilares da constituição das culturas da infância, compreendidas como significações e formas de ação social específica que estruturam as relações das crianças entre si, bem como os modos pelos quais interpretam, representam e agem sobre o mundo, portanto é factível que as brincadeiras necessitam superar a passividade, geralmente advinda do professor.

As três categorias analisadas nos conduzem a uma constatação que ambas dialogam entre si, gênero, cor/raça e pelas brincadeiras ilustradas apontam para possíveis práticas pedagógicas que podem sustentar as desigualdades sociais (representadas por gênero e raça/cor) vividas no contexto educacional. Percebemos na medida em que diferenciações são reforçadas nos livros didáticos, e influenciam uma prática pedagógica que reforça as predisposições para as desigualdades de gênero e raça/cor, que aparecem nos livros didáticos.

É preciso lembrar que estamos inseridos no contexto da contemporaneidade, é preciso reconhecer que é através da cultura, que precisamos observar os modos como construímos e reconstruímos a igualdade, a diferença e os significados que lhe são atribuídos, pois é sob a tutela da cultura que elaboramos nossas diretrizes de convivência, aceitabilidade, compressão do outro como extensão de si, em termos de gênero, raça, cor, explicitadas pelas brincadeiras e brinquedos por esse material didático tão importante e influente para o desenvolvimento humano.

7 TERCEIRA FASE DA HERMENÊUTICA DE PROFUNDIDADE

7.1 PARTE III: REINTERPRETAÇÃO DO QUE TEM DETRÁS DA PORTA

Desde a mais tenra idade construímos a nossa identidade que é alicerçada nas aprendizagens e convivência com nossos pares e a sociedade como um todo. É nesta fase que se constitui grande parte do que somos, nossas compreensões e a forma como percebemos o mundo, a sociedade e assim vamos moldando nossos comportamentos, atitudes e concepções de mundo, de pessoa, enfim estamos construindo nosso eu. Finco (2005) afirma que,

Desde o berço, as atitudes, as palavras, os brinquedos, os livros procuram moldar as crianças para que aceitem e assumam os rótulos que a sociedade lhes reservou. Para os homens o público e a política, para as mulheres o privado e a casa. Dos meninos espera-se agressividade, capacidade de liderança, racionalidade. Das meninas espera-se delicadeza, sensibilidade e beleza (FINCO, 2005, p.1).

Inseridos numa sociedade, a convivência com os demais cada ser humano está sujeito as normas sociedades, por vezes explícitos e as vezes subentendidos. Estas regras recomendam e ditam posturas, comportamentos, atitudes que são próprias para homens e mulheres. Estes comportamentos são instituídos e nos acompanham desde a infância e vão moldando nossa forma de ser e agir.

Questões de gênero são temas ao qual a sociedade brasileira sempre teve medo, não seria um problema único e exclusivo do passado, trata-se de uma temática presente em nossa sociedade, o sexismo e o machismo estrutural somente reafirmam tais preconceitos.

A construção do imaginário feminino sempre foi de uma pessoa fragilizada ou de ser facilmente superada, a construção dessa narrativa é fruto de anos, de uma sociedade patriarcal, desconstruir tal narrativa é tarefa difícil porem deveria ter se quer um suporte que nesse caso seria o livro didático.

Desta forma adentramos no mundo da educação infantil, especificamente das instituições de ensino que organizam a educação infantil de nosso país. Neste mundo pedagógico os atores (professores e alunos) organizam suas aprendizagens. Na elaboração do processo metodológico, os docentes fazem uso do livro didático. Instrumento distribuído pelo ministério da educação a todos as escolas do país. Neste

sentido o livro didático é editado a partir da exigência de critérios adotadas pelo governo.

Sabendo disso, torna-se importante a reflexão sobre como certos padrões comportamentais estão mantidos até hoje, ainda que de forma mais velada, pois assim como a sociedade, as instituições escolares também sofrem mudanças com o passar dos tempos. Porém, muitas condutas ainda estão baseadas nos manuais e livros de boas maneiras dos séculos passados, e com isso os processos de escolarização ainda estão pautados no controle dos corpos, que impõem uma série de hábitos, costumes e comportamentos considerados adequados às crianças e jovens em formação. Um dos pontos mais interessante a ser refletido e questionado é como essas regras de condutas foram/são taxativas em relação ao sexo feminino, exigindo da mulher comportamentos recatados e de pudor em relação ao homem (HENRIQUE, et al, 2017, p.12).

O livro didático pode reproduzir e naturalizar as desigualdades de gênero que perpassam a vida escolar de nossas crianças, por intermédio dos professores que organizam as formas e as possibilidades de intervenção pedagógica. O processo de naturalização de um tema tão importante como a questão do gênero e da desigualdade racial, podem advir da influência do livro didático, já que para muitos docentes o livro didático é uma das principais fontes de apoio pedagógico. As ideias e os conceitos expressados ao longo do livro didático, podem vir da escrita, bem como das figuras, imagens, gravuras distribuídas ao longo do livro didático, pois uma imagem vale mais do que mil palavras.

Assim na perspectiva do livro analisado, já citado fartamente, num primeiro e superficial olhar transparece que o livro acolhe a questão do gênero e da diversidade racial, pois existe um relativo equilíbrio nas imagens de meninos e meninas, no entanto quando se refere a diversidade racial, os negros e demais etnias as aparições são bem menores do que dos brancos.

No entanto, a forma e como aparecem as imagens de meninas e meninos é o que perpetua as concepções de machismo e sexismo. Pois, as meninas aparecem sempre como as “limpinhas” e as sensíveis. Já os meninos aparecem mais como “agitados” e nas brincadeiras mais “agressivas”. Portanto, nem sempre é a quantidade de vezes que os meninos ou as meninas aparecem, mas sim a forma como são retratadas, o que estão fazendo, e o jeito como estão brincando ou se expressando.

Quando a referência é cor/raça as gravuras e imagens reproduzem de forma explícita que cada aluno tem seu espaço de ser e se construir como ser humano. Geralmente a minoria racial (todas com exceção dos brancos) aparecem em contextos fora da sala de aula. Já os brancos aparecem na sala de aula organizada e a atenção

voltada totalmente para a professora, comportados, absorvendo conhecimentos e forma de ser existir neste mundo.

É neste mundo que o contraditório (neste caso como algo positivo) vai se submetendo as regras sociais que vem adentrando nos espaços escolares, inicialmente por seus professores, sujeitos de seu mundo, e por meio dos livros didáticos e atividades reproduzidas sem passar pelo crivo da criticidade.

Em muitas instituições e práticas, essas concepções foram e são aprendidas e interiorizadas, tornando-se quase “naturais”. A escola é parte importante neste processo. Tal “naturalidade” tão fortemente construída talvez nos impeça de notar que, no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentam, circulam e se agrupam de formas distintas (Louro, 1997, p. 56).

Assim, temas como a questão do gênero e cor/raça, transpassam o fazer pedagógico das instituições de educação infantil, por vezes acolhidos e trabalhados com indiferença ou simplesmente não abortados e trabalhados com as crianças, que resultam por vezes em brincadeiras e atitudes das crianças que reforçam e classificam os papéis sociais de acordo com seu sexo e/ou cor/raça. O docente precisa se perceber como o mediador desse mundo que está se desvelando para as crianças e assumir seu papel como organizador de aprendizagem que vertem na formação integral das crianças. Reproduzir o que livro revela, é se aprisionar e conduzir as crianças para o grande manancial da aceitabilidade dos comportamentos sociais como aparecem em livros e expressões que transitam no espaço de aprendizagem.

8 ALGUMAS PRÉVIAS CONSIDERAÇÕES

Em síntese, é possível concluir que os objetivos propostos foram alcançados e os resultados detalhados ao longo das laudas apontam para indícios, que ainda temos presentes em nossos livros didáticos imagens/ilustrações que contemplam a distinção de gênero e cor/raça.

Neste sentido, a breve pesquisa em questão aponta que o exercício da criticidade é essencial para a docência principalmente num ambiente como o da educação infantil, primeira experiência de convívio social e formação integral. Estar ciente é perceber que,

As questões de gênero e diversidade sexual são alvos de discriminação carregada de preconceito que comumente se manifestam nas instituições, sobretudo nas instituições escolares. Podemos considerar essas situações como conflituosas. As relações interpessoais se dão por meio da interação social. No ambiente escolar essas relações são mantidas diariamente e têm inúmeras formas de expressões, estas, quando estabelecidas com base no respeito e harmonia torna o ambiente educativo saudável (HENRIQUE, et al, 2017, p.19)

Mediante esta pequena pesquisa e as vivências pedagógicas por meio dos estágios, vividos por mim, é possível dizer, que em geral, nas instituições públicas de educação infantil, o que se percebe, muitas das vezes, são práticas hegemônicas que insistem em separar e diferenciar meninos de meninas quanto às relações de poder, de afeto, de estética, comportamento, privilégios, entre outros, reforçando o lugar de cada um e de cada uma. Essa mesma perspectiva é aplicada quando a referência é a questão cor/raça.

Portanto, é urgente que a escola se proponha a realizar mudanças, a assumir o papel de fazer o trabalho contra-hegemônico de desconstrução da desigualdade seja ela qual for e contrariar o determinismo de uma sociedade utilitarista e sim, possibilitar às crianças e jovens a oportunidade de se informarem e vivenciarem práticas que desconstruam os preconceitos criados e nas falsas verdade criados. Que meninas e meninos cresçam como crianças com as mesmas condições e oportunidades, aprendendo a se posicionarem e a questionar qualquer forma de discriminação.

É preciso apreender que,

Discutir as questões de gênero na educação significa discutir relações das práticas educacionais cotidianas, desconstruindo e redescobrimo significados. Significa questionar conceitos pré-concebidos, determinações

que sutilmente permeiam nossas práticas. Discutir as relações de gênero é, antes de tudo, remexer e resignificar nossa própria história (FINCO, 2005, p.16).

Desse modo, todos os atores que convivem nos espaços da educação infantil, necessitam superar a superficialidade do olhar e constituir-se como seres críticos e construtores de novas realidades e incorporar em sua maneira de ser e no exercício de suas funções a realidade como ela se apresenta, com o objetivo de pensar em pessoas mais humanizadas e com um acervo de ensinamentos livre do jugo dos conceitos e preconceitos apresentadas como verdades e se posicionar contra a reprodução de comportamentos e valores expressados em livros, imagens, dizeres e fazeres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, M. (org.) - **O Papel da Pesquisa na Formação e na Prática dos Professores**. Campinas, SP: Papirus, 2002

BORBA, Ângela M. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo**. In: BRASIL, MEC/SEB Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/ organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Rangel, Aricélia Ribeiro do Nascimento – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006

BRANDÃO, A. C. P.; SILVA, Alexsandro da. **O ensino da leitura e escrita e o livro didático na Educação Infantil**. Educação, v. 40, n. 3, p. 440-449, 2017.

BRASIL, Ministério da Educação. **Guia Digital PNLD 2022. Obras Didática e Pedagógicas Educação Infantil**. 2021. Disponível em: https://pnld.nees.ufal.br/assets-pnld/guias/Guia_pnld_2022_didatico_Apresentacao.pdf. Acesso 14.nov.2022

FINCO, Daniela. **Educação infantil, gênero e brincadeiras**: das naturalidades às transgressões. 2004. UNICAMP GT: Educação da Criança de 0 a 6 anos / n.07 Agência Financiadora: FAPESP. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt07945int.pdf> acesso em 25 out. de 2022.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei^a 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

HENRIQUE, Morgana Larissa Maciel; SANTOS, Vinicius Silva; SANTOS Jacques Fernandes, **GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O que pensam as professoras e professores sobre o tratamento de meninos e de meninas na escola** - Revista Científica da FASETE. MG. 2017.

LEÃO, A. M. C.; RIBEIRO, P. R. M. **Sexualidade sem trauma: trabalhando gênero e corpo com crianças de uma escola municipal de educação infantil**. In: MONTEIRO, S. A. I. (org.). Educação na contemporaneidade: reflexão e pesquisa. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

_____. **A percepção do(a)s professor(a)s e coordenador(a)s dos cursos de Pedagogia da Unesp quanto à inserção da sexualidade e da educação sexual no currículo**: analisando os entraves e as possibilidades para sua abrangência. 259f. Relatório de Pós Doutorado (Sexologia e Educação Sexual), Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista. Vozes, 1997.

KRAMER, Sonia. **Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie**. OMEP, 2000

MATUOKA, Ingrid. **PNLD 2022 vai na contramão dos direitos de aprendizagem na Educação Infantil**. Centro de Referência em Educação Integral. 2021. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/pnld-2022-vai-na-contramao-dos-direitos-de-aprendizagem-na-educacao-infantil>. Acesso: 25.out.2021.

OLIVEIRA, Francielly De Lima. **Análise de livros didáticos do PNLD/2019 para a educação infantil: imagens e gêneros**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fronteira Sul. Chapeco, SC, 2020.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005

SAYÃO, D. T. **A Construção de identidades e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física na educação infantil**. Pensar a Prática, v. 2, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Invenção do contemporâneo: a ignorância da diversidade**. São Paulo. Vozes. 2007.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

.